



Ferramentas em palavras e imagens

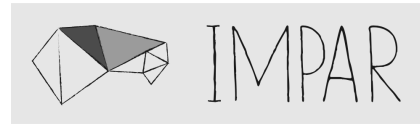
Priscila Valente Alonso

Apresentado no 11º Encontro dos Amigos da Psicologia Arquetípica

São Francisco Xavier, 25-27 de agosto de 2023

Publicado online em 10 de setembro de 2023

www.institutoimpar.com.br



Ferramentas em palavras e imagens

Priscila Valente Alonso

Digressão:

procuro o que me suporta, me leva ou me mostra.

teóricos e estudiosos escrevem sobre mim e me descrevem.

não sei se creio neles. sou fugidia e veloz, às vezes demorada, muito demorada.

“de morada” incerta e fugaz, sou também casa.

busco fermento e cultivo, mas ainda assim não sei se cresço, se afundo, se vôo, se amplifico ou se sou elevação.

meu trabalho é no miúdo, no ordinário, no aqui e agora.

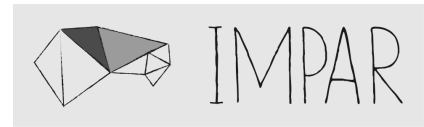
essas ideias elevadas sobre mim me afastam da matéria.

sou impessoal e objetiva, atravesso corpos e experiências, não sou propriedade de ninguém.

adoro artistas, cozinheiros, pescadores, músicos, escritores, artesãos, loucos e crianças.

quando uso um tipo de utensílio, de facilitador, como palavras, quando uso como ferramenta as palavras, elas ficam a serviço das imagens que crio.

este tipo de utensílio pode revelar minha diversidade e ambivalência?



A poesia faz o sentido da palavra ramificar-se, envolvendo-as numa atmosfera de imagens.

Gaston Bachelard

Muito mais pela poesia do que pela academia, nas letras das músicas, nos poemas e na literatura, as palavras sempre me chamaram atenção, e meu amor e interesse por elas é bem antigo, vem desde quando comecei a ler e a conhecê-las. Penso que sejam como ferramentas utilizadas pelos autores no momento criativo da inspiração, atingindo nossas almas e criando através da linguagem, imagens no leitor.

Eu gostaria de refletir aqui sobre palavras e imagens em nosso trabalho.

Nossa prática se iniciou com Freud, e a psicanálise ficou conhecida como “talking cure”, a cura pela fala, o que nos coloca de “cara a cara” com as palavras, fazendo de nosso trabalho um ritual da palavra.

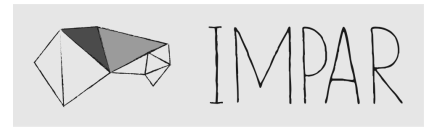
Que tipo de realidade existe nas palavras? Elas são meramente descritivas?

Qual a relação entre a descrição e a coisa na qual a descrição está sendo aplicada? Têm as palavras retaguardas arquetípicas?

O mitólogo Walter Otto afirma: “Fala e mito são exatamente a mesma coisa. Mito, na origem, significa a palavra verdadeira [...] o discurso sobre o que é”.¹ Isto sugere que quando conversamos com nossos pacientes, podemos acompanhá-los e levá-los a encontrar pelos seus mitos, suas “verdades”. Para nós junguianos, tem muito sentido, e a própria alma faz essa conexão.

Pelas palavras então, podemos conhecer o estilo de quem fala e suas metáforas. “As confusões e as dores da alma necessitam de palavras que espelhem estas condições através da imaginação. A adequação de uma descrição dos estados d’alma não dependerá tanto da definição exata quanto da transmissão acurada de seu

¹ OTTO, W. citado por HILLMAN, J. em *O Mito da Análise*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p.184.



estilo.”² Essa frase de Hillman confirma a relevância do discurso e das palavras, ajudando a mostrar nosso estilo através também do quê e de como se fala.

Qual poderia ser nossa melhor ferramenta para o trabalho terapêutico? Quantas e quais tipos de ferramentas temos? Penso que quanto mais ferramentas tivermos, melhor a tarefa realizada no encontro analítico. Ferramenta deriva do latim *ferramenta*, plural de *ferramentum*. É um utensílio, dispositivo, ou mecanismo físico ou intelectual utilizado por trabalhadores das mais diversas áreas para realizar alguma tarefa.³

O próprio trabalho tem suas ferramentas e busca a sua ferramenta. Qualquer que seja o trabalho, seu imaginário convoca ferramentas.

Nós trabalhadores da psicanálise, usamos como uma das primeiras ferramentas, o manejo, a lida com a transferência e contra-transferência, como já indicado por Freud e seguido por Jung.

O fato de pensar a transferência como ferramenta, e não um conceito, já relativiza a própria ideia de transferência e contra-transferência, levando-a para um campo mais policêntrico, liberando-a da ideia conceitual e hermenêutica.

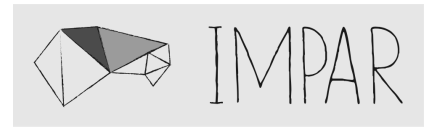
Gustavo Barcellos nos lembra que precisamos imaginar outras ferramentas além desta para lidar com sonhos, afetos, e experiências que os pacientes nos trazem.

Vamos levar aqui nossa atenção para as palavras e imagens que estão conosco em nosso ofício, em nosso trabalho, sendo convocadas como uma de nossas ferramentas.

Sabemos que a linguagem hermenêutica elimina a ideia policêntrica e não alcança o discurso politeísta, e portanto não alcança a alma. Toda vez que colocamos uma experiência numa linguagem que a defina, que a descreva e que a feche, esquecemos a experiência, desqualificando-a psicologicamente. Consideremos então, den-

² HILLMAN, J. *O Mito da Análise*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p.184.

³ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ferramenta>



tro do consultório, o uso das palavras abertas, as que abrem, as que provoquem uma linguagem metafórica, como fazem os poetas e os compositores.

A linguagem de qualidade, enriquece a experiência, tornando as emoções mais refinadas, assim como um escritor, compositor ou poeta em suas palavras, explorando o espaço afetivo concentrado no interior das coisas.

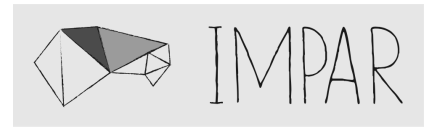
Qual qualidade de relação vamos dar às palavras, quando elas são utilizadas como ferramenta da alma, uma vez que a palavra cria um corpo?

As palavras/ferramenta, nascem numa relação profunda entre as psiques no encontro analítico, e trabalham à serviço da alma, como o martelo para o ferreiro ou o gadanho para o jardineiro. Hillman diz que “Não há nada mais íntimo do que a forma como seu pensamento se transforma em palavras. É a sua própria alma...”.⁴ Podemos levar em conta, que elas então, funcionam como a extensão do que se apresenta tanto em nosso pensamento como no dos nossos pacientes.

Se a psicoterapia está à serviço de despertar a alma, pelas palavras, penetramos nas imagens da nossa matéria, e também, pelas imagens capturamos as palavras, buscando um movimento de sofisticação, melhora e cultivo da própria matéria, a alma. Tanto as nossas palavras como de nossos pacientes, mesmo tão imateriais, podem ser também ferramentas para a alma, uma vez que elas capturem, e sejam capturadas pela imagem, podendo nos servir.

Para Bachelard, as ferramentas são subsidiárias do devaneio da vontade. E aqui, abre-se uma reflexão, a meu ver, importante. O encontro das *vontades* precisa estar presente em nosso consultório, entre nós e o paciente, entre as palavras e as imagens. Por mais impalpável que seja, a vontade de interferir no outro, convoca ferramentas. É como juntar a vontade dos dedos da mão do pianista, ao piano, e a do piano aos dedos das mãos do pianista.

⁴ HILLMAN, J. *Entrevistas: conversas com Laura Pozzo...*, São Paulo: Summus, 1989, p.156.



Portanto, a vontade do trabalhador, tem que se encontrar com a vontade da ferramenta, *contra* a matéria. Toda vontade que leva a uma ação contra a matéria, contra a natureza, aqui em nosso caso, a alma, necessita de ferramenta. A ferramenta transforma, além do objeto do trabalho, o próprio trabalhador, é como o alquimista e a matéria, em seu laboratório.

Ao explorarmos e brincarmos com palavras, podemos retirar a metáfora que existe nelas, recuperando uma linguagem de qualidade, auxiliando no cultivo da alma, e no trabalho com a psique. *O empobrecimento das palavras é sempre um perigo para as emoções, sem as palavras adequadas, as emoções se tornam mais grosseiras.*⁵

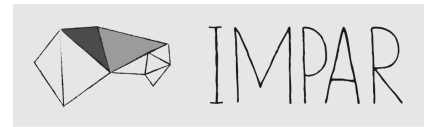
A tentativa de “escolher”, ou “sermos escolhidos” pelas palavras que atinjam a precisão da psique, portanto, não se trata de uma fala inculta. É importante ter intimidade com as próprias palavras, perceber a precisão na espontaneidade da imagem, da psique.

Na medida em que o pensamento metafórico se aprofunda nas realidades, diferentemente do literal e do concreto, as palavras através dele, podem evocar a experiência no estado puro, e a intimidade com elas, fidelizar a precisão na espontaneidade da psique.

A fala afinada, desperta em quem escuta novas histórias, novos discernimentos, novas imagens, fantasias e recordações, nos conduzindo à participação imediata do que se apresenta, trabalhando na matéria mais sugerindo, do que descrevendo. E isso é ouro em nosso trabalho.

Parafraseando Hillman e Bachelard, nosso trabalho, a psicanálise, é um movimento poético, e o poema é um cacho de imagens.

⁵ *Idem*, p. 53.



Li há um tempo atrás, uma crônica com o título “*Palavras*”, da escritora carioca Adriana Falcão. Um texto a meu ver muito sensível, e emocionante, que caberia tocar aqui. Vão aqui, algumas notas do texto:

“As gramáticas classificam as palavras em substantivo, adjetivo, verbo, advérbio, conjunção, pronome, numeral, artigo e preposição. Os poetas classificam as palavras pela alma, porque gostam de brincar com elas, e pra brincar com elas é preciso ter intimidade primeiro. É a alma da palavra que define, explica, ofende ou elogia, que se coloca entre o significante e o significado pra dizer o que quer, pra dar sentimento às coisas, pra fazer sentido”. [...] “As palavras têm corpo e alma mas são diferentes das pessoas em vários pontos. As palavras dizem o que querem, está dito, e pronto. As palavras são sinceras, as segundas intenções são sempre das pessoas. A palavra juro, não mente. [...] A palavra liberdade não se prende. A palavra amor não se acaba. A palavra ideia não muda. Palavras nunca mudam de ideia. Palavras sempre sabem o que querem”.⁶

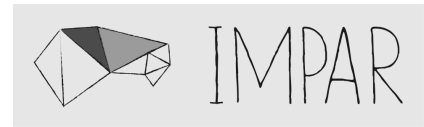
Referências

BACHELARD, G. *A Terra e os Devaneios da Vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*, São Paulo: Editora Martins Fontes, 2016.

FALCÃO, A. *Pequeno Dicionário de Palavras ao Vento*, São Paulo: Editora Planeta, 2003.

HILLMAN, J. *O Mito da Análise*, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1984.

⁶ FALCÃO, A. *Pequeno Dicionário de Palavras ao Vento*, São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003, pp. 108-110.



_____. *Entre Vistas: conversas com Laura Pozzo sobre psicoterapia, biografia, amor, alma, sonhos, trabalho, imaginação e o estado da cultura*, São Paulo: Editora Summus, 1989.

O **Impar** faz todos os esforços para garantir a exatidão das informações contidas nas publicações de nossa plataforma. No entanto, nós não damos nenhuma declaração nem garantia quanto à precisão, integridade ou adequação para quaisquer fins deste conteúdo. Todas as opiniões e pontos de vista expressos nesta publicação são de responsabilidade dos autores, não sendo os pontos de vista endossados pelo Impar, e portanto não somos responsáveis por quaisquer perdas, ações, reclamações, processos, demandas, custos, despesas, danos e outros passivos em relação a ou resultantes da utilização deste conteúdo. Este artigo pode ser utilizado para fins de pesquisa, ensino e uso privado. Qualquer reprodução substancial ou sistemática, redistribuição, revenda, sub-licenciamento ou a publicação em outro website é expressamente proibida.